

Muito mais que uma tia

Como preparar psicologicamente os professores para exercer funções de pais, de mães e até de assistente sociais e para que enfim cumpram a missão não só de ensinar, mas de criar um novo ser humano

Por Marcia Néder Bacha

"A escola mudou". "A família mudou". "A sociedade mudou". Essas frases, insistentemente repetidas, costumam provocar lamentos nostálgicos do tipo "hoje em dia os adultos já não têm autoridade alguma", "não conseguem impor limites", "abandonam seus filhos". Professores na escola lamentam que não são respeitados tendo que se submeter a alunos "baderneiros e indisciplinados" como rotina de todas as classes sociais, quando não são cercados e intimidados por "aviões" e proprietários de "bocas" que também têm o dever de alimentar suas famílias. Carentes de uma formação psicológica que os aproxime de suas angústias, fantasias e aflições, os mestres, como os pais e demais adultos educadores, vivem o dia-a-dia como o lixo exposto a céu aberto esperando por uma reciclagem impossível.

A formação de gangues, a agressão entre pares, a eficiente organização do tráfico e do crime no patamar de qual-

quer produção industrial são fenômenos que questionam com veemência os educadores. Os professores, por sua vez, despreparados para essas novas realidades que vão emergindo, sentem-se completamente desamparados. Sua formação não os preparou para a complexidade dessa realidade.

A família transformada pode chegar a um dismantelo tão completo de suas relações, como muitas vezes temos acompanhado em nosso trabalho com os professores de comunidades da periferia do Rio, que crianças são convocadas a cuidar de outras crianças por motivos variados como trabalho dos pais, abandono do lar ou destruição dos barracos que habitam aumentando ainda mais a dispersão familiar. Ao contrário da coesão oferecida pelo crime organizado e o tráfico de drogas, que recrutam crianças cada vez mais

jovens acenando-lhes com a proteção que devem pagar com sua vida, e são "instituições" já solidamente estruturadas na sociedade.

A família e a escola contemporâneas já não são as mesmas do século passado. Aqui e ali ressoam os gritos de uma "crise" generalizada: crise da família, crise da escola, crise da autoridade. Os adultos querem saber o que é ser um bom pai/mãe, um bom professor, um bom educador. Também querem respostas sobre o que é ser um bom filho, um bom aluno e o que podem exigir do seus. O velho litígio que a família e a escola alimentam vem completar esse cenário estressante onde as acusações recíprocas de omissão e de atitudes educacionalmente reprováveis ecoam de lado a lado. "Ah, mas também a família não ajuda, não cobra, não exige, não comparece!".



“De quem é a culpa?”: diante da realidade angustiante que exige dos adultos respostas e atitudes imediatas, a defesa acusatória (ou auto-acusatória) se oferece como “a” solução. De culpado em culpado vamos rolando essa dívida que nosso implacável credor - o dia-a-dia de nossos filhos e de nossos alunos - não cessa de nos cobrar.

O filme *Pro dia nascer feliz*, de João Jardim mostra depoimentos de professoras nos quais podemos ver a intensidade do sofrimento que elas experimentam pela identificação com a fantasia de “inimigo” que observam projetada pelos (e nos) alunos. Fantasia de inimigo que recobre a figura feminina. Em nosso inconsciente o ofício do professor, ou a sua identidade, está ligada ao feminino e às fantasias angustiantes da maternidade, qualquer que seja o seu sexo.

O professor está mesmo abandonado porque sua formação, extremamente deficitária, não o prepara para lidar com a complexidade psicológica de seus alunos e de seu ofício, mas com robôs ou animaizinhos docilmente amestráveis. Evidente que não é isso que o mestre encontra no seu cotidiano e o curto-circuito está armado. Especialmente porque sua formação também não o prepara para encarar a complexidade inconsciente de suas identificações conflitantes, e esse abandono acaba por impor-lhe a paralisia ou a atuação violenta nos momentos em que a disputa o encurrala.

Privilegiar a formação (psicológica) do professor é nadar a contracorrente, mas essa foi a proposta desenvolvida por



mim, formando professores universitários: no lugar de uma formação escolástica, uma formação psicológica que capacite o professor a reconhecer e elaborar as transferências que ele próprio estabelece em relação à educação e aos (seus) educadores. Só assim ele estará em condições de enfrentar a arena em que se transformou a escola atual.

Esse é o contexto no qual se insere a metodologia criada por mim no convívio estreito com educadores dos vários níveis escolares, das creches à pós-graduação. Essa metodologia caracteriza-

se como um trabalho contínuo com o professor, esse maior abandonado pela cultura e pela educação, ao longo do qual ele é levado a acessar as significações inconscientes envolvidas na sua atividade de educar e de ensinar, e que determinam seus comportamentos e suas decisões.

Essa metodologia assim criada culminou na oferta de uma supervisão sistêmica ao adulto educador, a qual busca levá-lo a mergulhar em suas angústias e impasses, e a descobrir que essas significações inconscientes que a cultura atribui à sua função e à sua ação

são fundamentais no dia-a-dia da educação que ele pretende promover.

Essas supervisões, individuais ou em grupo, particulares ou contratadas pela escola, produzem um resultado imediato na prática dos professores, pais e educadores, conforme eles próprios o atestam desde nosso primeiro encontro, observando mudanças visíveis na sua abordagem dos alunos e na condução da sua educação. Para além do iô-iô da acusação e da culpa - ora eu, ora o educando é o culpado -, o que essa intervenção oferece ao adulto educador é a descoberta da sua inestimável importância em todo o processo de educar e de formar um outro ser humano, seja ele um bebê, uma criança, um adolescente ou um adulto - por que não?

Os professores têm nas mãos o que o psicanalista gaúcho José Outeiral chama de a segunda e a última chance das crianças desamparadas se constituírem adultos saudáveis: a escola. Os professores devem portanto ter apoio e amparo para consolidar esta nova consciência de sua importância na formação dos jovens.

No ano passado, a convite da jornalista e psicanalista Marcia Cezimbra, estendi essa proposta aos professores das comunidades carentes assistidas pela ONG Solidariedade França Brasil, buscando levá-los a acolher e elaborar as angústias, prazeres e conflitos mobilizados pela formação do ser humano. Foram convidados para os encontros mensais professores de escolas comunitárias de Gramacho, de Saracuruna, de Itaguaí, Nova Iguaçu, todas atendidas pela SFB, que oferecia para a reunião o

local, café e biscoitos, e a passagem de ônibus das educadoras.

A oferta de um ano de supervisões mensais a esses maiores abandonados foi essencial para os professores participantes do projeto, e também para nós, supervisoras e pesquisadoras buscando investigar a formação dos professores nas novas configurações institucionais, bem como as questões que as comunidades carentes colocam para a educação hoje. Estendendo, como é nosso objetivo, a metodologia psicanalítica para além da prática pri-



vada dos consultórios e das classes médias, alinhamo-nos a todos os psicanalistas que, com o fundador, jamais desejaram restringir sua criação a uma ramificação secundária do saber hipocrático ou a um projeto saneador.

Este ano de supervisões mensais comprovou a pouca importância que é dada ao professor, menosprezado por métodos de ensino e aprendizagem e tecnologias educacionais incessantemente renovadas. Se o professor não tem importância, menor ainda é o valor que se atribui à sua formação. Mas em apenas um ano de reuniões mensais, em condições às vezes precárias – muitas professoras nem sempre eram estimuladas a participar para não deixarem de lado seus compromissos com a escola – pudemos constatar o avanço que se pode permitir no exercício profissional de professores que passaram a compreender suas funções de tia, de mãe, de assistente social, de referência para a construção de uma identidade de seus alunos. É uma militância contra a miséria e a violência, aliada ao trabalho de criar, formar, educar outros seres. Se a gente puder investir no professor e na formação do professor, e na formação psicológica do professor – que é esse trabalho que desenvolvemos com estas educadores e gostaríamos de ampliar também para escolas particulares, de classe média, onde há multidões de jovens desassistidos por famílias que não conseguem acolhê-los como deveriam – seria possível dar a estes jovens a segunda e última chance de suas vidas, como disse José Outeiral. O que é a formação psicológica do professor? É



perceber o que significa, por exemplo, a raiva e a agressividade tanto de uma criança de 3 anos quanto as de um jovem adolescente e como lidar com estas manifestações.

Para que esses educadores tenham capacidade de dar conta dessa “missão especial”, perseverante e heróica, eles precisam de ajuda e esta ajuda pode vir sem dúvida de supervisões psicanalíticas que amparem esses educadores em seus conflitos, muitos deles desencadeados por crianças com tão profunda intensidade de desamparo, de falta

de afeto e de atenção do mundo adulto. A psicanálise e a psicologia tornam-se portanto instrumentos fundamentais para que os educadores possam criar novos seres, dando-lhes afeto, atenção, referências, identidade e sonhos. Um lugar no mundo para que, a partir deste continente, estes jovens possam expandir seu conteúdo efetivo e existencial, tornando-se adultos integros no sentido físico, emocional e espiritual, senhores de seu próprio destino.

Este trabalho realizado com educadores de escolas apoiadas pela SFB durante o ano de 2006 comprova o quão eficaz pode ser para a educação a sua associação com a psicanálise e com a psicologia. Com recursos materiais praticamente zero – contamos nesse projeto basicamente com recursos humanos das psicanalistas e das professoras –, o trabalho foi realizado numa sala cedida pela SFB, no Centro do Rio, que também custeou as passagens de ônibus das educadoras até o local dos encontros mensais, além de água, café e biscoitos. Foi o suficiente para que professores pudessem acolher e acessar essas crianças e mudar o rumo de sua educação. Não podemos obviamente afirmar que sem nossa intervenção o trabalho dessas professoras seria desastroso. Mas podemos comprovar que o desempenho dos professores tornou-se incomparavelmente melhor, garantindo que crianças com dificuldades estruturais graves pudessem ser bem-recebidas, acolhidas, adquirindo registros de fortes vínculo com o educador que passa então a se constituir num importante aliado, referência para toda a vida.